

Se sofre de raquitismo, escrofulose, reumatismo  
dores musculares ou falta de apetite... porque não

# VIR A BANHOS



Espinho • Julho de 2007

15 PORTUGAL ESPINHO Grupo de banhistas na praia de banhos



## Uma lição de história com areias de festa

A Câmara Municipal de Espinho já criou vários hábitos culturais, tão viciantes como saudáveis. O VIR A BANHOS é um desses eventos, construído graças ao engenho e à dedicação do movimento associativo local, desta feita para levar a cabo uma homenagem animada, que evoca hábitos antigos com recurso a saberes etnográficos e a alguns toques cinematográficos.

A festa que se monta no areal, junto ao espraiair das ondas, procura trazer para os dias de hoje figuras e actividades características dos princípios do século XX, quando Espinho era uma das praias mais conhecidas do país e os banhos de mar entravam na moda. Esta forma de turismo foi, sem sombra de dúvidas, uma das armas do crescimento de Espinho, a par da pesca e dos efeitos da chamada Revolução Industrial, concretamente o comboio e a máquina a vapor utilizada na indústria conserveira. Com uma fábrica de conservas exemplar, que absorvia grande parte do pescado e empregava um número significativo de pessoas, com os acessos facilitados pelo comboio, a época banhar originava uma actividade económica, ao nível dos serviços e do comércio, que sobrevivia todo o ano e induzia um crescente desenvolvimento da povoação, que num curto espaço de tempo deixou de ser uma aldeia piscatória para conquistar as prerrogativas de vila cosmopolita.

Cientes desta relevância, bem como do impacto lúdico e cultural da recreação, que se realiza de dois em dois anos, decidimos editar, a propósito da edição/2007, esta brochura. Pretende-se homenagear aqueles que se dão ao trabalho de montar o VIR A BANHOS, ao mesmo tempo que deixamos à disposição de todos uma leitura histórica sobre as origens da praia e dos seus elementos marcantes: o lado terapêutico dos banhos, as técnicas usadas pelos banheiros, as diversões, os diferentes tipos de banhistas. É uma maneira de sublinhar que esta festa armada na praia de hoje, tem o seu lado sério, ao procurar dar-nos uma lição despretensiosa sobre o nosso passado colectivo.

Espinho não tem origens remotas visíveis, testemunhadas por respeitáveis monumentos, porque é de formação recente, mas tem uma memória de que se pode orgulhar, divulgando-a sem quaisquer reservas. O VIR A BANHOS é, neste contexto, um exemplo do que deve ser feito, mantendo um rasgado sorriso nos lábios.

*O Vereador da Educação e Cultura*

**Carlos Morais Gaio**



## Sumário

Os Banhos de Mar em Espinho no início do século XX .....	5
O ir a banhos e a chegada da civilização .....	6
O início dos banhos em Espinho .....	7
A praia terapêutica .....	8
Os Banhos .....	11
A praia lúdica .....	14
Banheiros .....	15
Os Veraneantes .....	17
Veraneantes Espanhóis .....	18
Veraneantes Portugueses .....	20
Veraneantes Titulares .....	21
Veraneantes Intelectuais .....	22
Vir a Banhos - Recriação de uma praia do início do séc. XX .....	23

# Os Banhos de Mar em Espinho no início do século xx



## ESPINHO



### O ir a banhos e a chegada da civilização

**N**ão podemos situar de forma cronologicamente rigorosa o início do desejo de frequentar a praia, mas podemos avançar com alguns relatos importantes que nos reportam às suas origens. O primeiro refere-se à praia inglesa de Weymouth. Estava a decorrer o ano de 1789, quando a corte do rei George III começou a frequentar esta localidade para a prática de banhos de mar. Do mesmo modo, e desde meados do século XVIII, a estadia na praia de Brighthon tornou-se uma prática socialmente valorizada, sobretudo a partir do momento em que começou a ser frequentada pelas elites sociais. A cerimónia de inauguração

da praia de Dieppe, em 1824, pela duquesa de Berry, ao meio-dia preciso, e entrando no mar conduzida pelo inspector médico real das águas, foi um acontecimento de grande simbolismo, que elevou a estadia à beira-mar à categoria de prática civilizada. Assim, o "ir a banhos", popularizou-se, em primeiro lugar, junto dos estratos sociais mais elevados, estendendo-se depois aos grupos mais baixos da população. A transição desta prática do norte da Europa para a Península Ibérica foi rápida e na primeira metade do século XIX já estava instalada em algumas praias portuguesas, nas quais se incluía Espinho.

## O início dos banhos em Espinho

Nas primeiras três décadas do século XIX, o Lugar de Espinho não passava de um amontoado de palheiros concentrados junto ao mar e habitado por pescadores oriundos de Ovar. A partir de 1830, a paisagem urbana sofreu transformações com o aparecimento das primeiras construções em madeira destinadas ao veraneio – palheiros mais elegantes e mais cómodos. Este rápido desenvolvimento deveu-se ao facto de que muitas famílias da média e alta burguesia do concelho da Feira e de outras localidades vizinhas começaram a procurar esta localidade como local de férias. Este grupo social foi o responsável pela introdução de novos padrões de comportamento que a distinguiram dos grupos sociais dominantes do Antigo Regime, e dos quais salientamos o reforço do papel da família na nova ordem social e a “valorização do ócio e do lazer”<sup>1</sup>. Ao dotar as estâncias balneares do século XIX de vários espaços sociais, próprios das grandes cidades, a burguesia fez desses locais, até aí considerados inhóspitos, centros civilizacionais de extrema importância para os vários estratos sociais que para aí se deslocavam. O hábito de gozar férias junto ao mar começou primeiro por incluir a família nuclear, mas rapidamente se estendeu a outros parentes mais próximos (sogros, tios, primos, etc.) e aos amigos. Para isso foi fundamental o desenvolvimento dos transportes, em especial do caminho-de-ferro, e a publicidade, que permitiram à burguesia impor na sociedade o gosto pela frequência dessas estâncias turísticas.

Por volta de 1875 a povoação contava com 300 fogos, 500 a 600 habitantes e era frequentada por 3.000 banhistas<sup>2</sup>. Estes números

reflectem o papel dinamizador do comboio no desenvolvimento das novas estâncias balneares. A procura originou mais oferta e atraiu novos investidores que edificaram casas de habitação e outros edifícios próprios de uma zona de lazer – hotéis, restaurantes, cafés, e clubes recreativos.

Em Espinho, o período de férias dos vários grupos sociais era marcado consoante os meses de veraneio. A colónia espanhola começava a chegar nos finais de Junho e princípios de Julho, permanecendo até finais de Agosto. O correspondente nesta praia do jornal *O Comércio do Porto* destacava, no Verão de 1893, a chegada de bastantes pessoas para uso de banhos, tanto portuguesas como espanholas<sup>3</sup>, e a partida no mês de Setembro de muitas famílias espanholas e algumas portuguesas<sup>4</sup>. Os meses de Agosto e Setembro eram os eleitos para a maioria da colónia portuguesa, constituída por ricos proprietários, burgueses titulares, funcionários públicos, comerciantes, políticos, e profissionais liberais, de tal forma que, para Ramalho Ortigão, Espinho era “com efeito, e por excelência, além da costa célebre da sardinha, a piscina consa-



1 VAQUINHAS, Irene; CASCÃO, Rui – *Evolução da Sociedade em Portugal: A lenta e complexa afirmação de uma civilização burguesa* in “História de Portugal”, dir. José Mattoso, vol. V, “O Liberalismo (1807-1890)”, Lisboa, Círculo de Leitores, 1993, p. 449.

2 LEAL, Augusto Pinho – *Portugal Antigo e Moderno*, Lisboa, Livraria Editora

de Mattos Moreira & Companhia, vol. III, 1874, p. 62.

3 *O Comércio do Porto*. Porto, n.º 157, 5 de Julho de 1893.

4 *O Comércio do Porto*, n.º 225, 4 de Setembro de 1889.



grada da magistratura<sup>5</sup>. Os hotéis e as pensões muitas vezes não tinham capacidade para alojar tanta gente, o mesmo acontecia com o arrendamento de casas que facilmente esgotava<sup>6</sup>. Com a partida dos turistas espanhóis e dos estratos mais elevados da sociedade portuguesa, o espaço da praia era ocupado por outro grupo social – os lavradores abastados. A *Gazeta de Espinho* menciona que, com o final do mês de Setembro, muitos vilegiaturistas terminavam as suas férias. Entretanto, começavam a chegar a Espinho os veraneantes que costumavam frequentar esta praia no mês de Outubro. A maior parte vinha da província, e deslocavam-se para a praia depois de concluídas as vindimas<sup>7</sup>.

5 ORTIGAO, Ramalho – *As Farpas*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1987, p.117.

6 *O Comércio do Porto*, n.º 201, 24 de Agosto de 1895.

7 *Gazeta de Espinho*, n.º 40, 6 de Outubro de 1901.

## A praia terapêutica

No século XIX o banho de mar era tomado com fins terapêuticos. A hidroterapia marítima estava em acelerado desenvolvimento, fruto da sua divulgação através de várias obras publicadas na Inglaterra, Alemanha e França, e em artigos publicados em dicionários de medicina e jornais científicos.

Para uma boa terapia marítima tornava-se imperioso a conjugação de três factores: a água do mar, a atmosfera marítima e as condições climáticas e topográficas da praia. De acordo com os especialistas, a água do mar exercia uma acção fisiológica sobre o organismo, resultante da sua temperatura, dos seus princípios químicos e da intensidade da força exercida sobre a superfície externa do corpo. Quanto à temperatura, era utilizada uma classificação que variava entre a água fria, temperada e quente. A praia de Espinho, com uma temperatura que poucas vezes ultrapassava os 20º, incluía-se no grupo das que eram banhadas por águas frias.





“A água é um dos mais poderosos agentes de que o homem dispõe, nas suas variadas obras, influindo n’ ellas d’ um modo muitas vezes extraordinário. O facto tão simples como é tomar banho, tem produzido acontecimentos notáveis que a História refere e os artistas vão immortalizando com as inspirações de génio. Mas, dirá, o leitor, para que serve, esta rega sobre a água? É porque Espinho deve a sua existência à água: o que passamos a provar. Não diremos que Espinho sahiu das águas como Vénus, porque esta povoação não foi sempre formosa como agora é, e cada vez mais formosa será.” (*Gazeta de Espinho*, 1916.)



À atmosfera marítima ou ao ar do mar atribuíam-se múltiplos efeitos preventivos de certas doenças, principalmente ao nível dos órgãos respiratórios e da pele. Segundos os médicos da época, os benefícios do ar marítimo dependiam da sua maior pressão e temperatura, da maior ou menor quantidade de princípios salinos que continha e da maior ou menor velocidade e direcção das suas correntes. Uma maior pressão atmosférica equivaleria a uma maior dilatação dos pulmões o que se traduzia numa maior absorção de oxigénio. O mesmo acontecia com os princípios salinos que existem na atmosfera da praia – quanto mais elementos salinos entrarem na composição do seu ar, maiores serão os efeitos tonificantes sobre a pele, superfície interna dos órgãos respiratórios e, consequentemente, de todo o organismo. O contacto com o ar do mar era aconselhado às “pessoas fracas, molles, apathicas, de constituição lymphatica” e desaconselhado para os “tísicos do pulmão ou da larynge”, mas era sobretudo na infância que o ar do mar se tornava “particularmente salutar”<sup>1</sup>.

1 ORTIGÃO, Ramalho - *As Praias de Portugal. Guia do Banhista e do Viajante*, Porto, Livraria Universal, 1876, p. 115-116.



Sobre os benefícios da brisa marítima da praia de Espinho, o jornalista espanhol D. Pedro Gazapo escrevia em 1916 que “El pintoresco Espinho es sano, sanissimo, no cede a ninguna otra playa su puesto de honor; y hablen por nosotros los incontables jóvenes de ambos sexos, los innúmeros niños que allí llegan todos los años desmeдрados, anémicos, pobres de glóbulos, rojos, y tras un temporada que debiera ser más larga que lo acostumbrado por la colonia española, a su tierra vuelven fuertes, vigorosos y con sobradas reservas orgánicas para defenderse de todos los gérmenes patógenos, y mui especialmente de ese monstruo que es azote de la humanidad y que para sus victimas elige, casi siempre lo más querido, lo más adorable, la ensoñadora juventud”<sup>2</sup>.

Ramalho Ortigão chamava a atenção do leitor para o facto de a água do mar como bebida não ser explorada pelos médicos portugueses, nomeadamente como medicamento alterante e purgativo, no tratamento dos problemas linfáticos e escrofulosos e ainda nas enfermidades uterinas. Na opinião de alguns médicos, a hidroterapia marítima, sendo usada correctamente, era um excelente meio higiénico e terapêutico. O problema é que em Portugal fazia-se um mau uso dessa medicação. As pessoas de estatuto social mais elevado deslocavam-se para as estâncias balneares não “para robustecer o organismo ou debellar enfermidades, mas para fazer exactamente o contrário – depauperar o organismo e contrahir doenças”<sup>3</sup>. O uso da hidroterapia tinha como único princípio regulador o capricho, o gosto ou a moda. Os hábitos “civilizacionais” da vida

2 GAZAPO, Pedro - *El Veraneo en Portugal* in “*Gazeta de Espinho*”, n.º 806, 20 de Agosto de 1916. Série de crónicas sobre a praia de Espinho publicadas no jornal de Badajoz “*La Coalicion*” e reproduzidas na *Gazeta de Espinho*.

3 COSTA, Luiz Pereira da - *Elementos de Hydrotherapia Maritima*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1882, p. 70-71.



citadina eram transportados para a praia, e poucas vezes se invocava a ciência como o objectivo principal para a permanência nas estâncias balneares. A medicina via com maus olhos a progressiva difusão da “praia lúdica”, virada para o prazer e o divertimento. Os responsáveis por essa “degradação” eram as “assembléas, os clubs, os theatros, sempre animados, sempre cheios de doentes e sãos, que [iam] tractar da saúde; e n’essas casas todos respira[vam] uma atmosphera que as luzes, o fumo, os productos da exhalação cutanea e da respiração pulmonar, e ainda as essencias das toilletes, torna[vam] impura e asphixiante”<sup>4</sup>. A estes elementos considerados nocivos juntavam-se o jogo, as valsas e contradanças que na maioria das vezes duravam até à hora de tomarem o banho medicinal, atitude que em vez de contribuir para a recuperação da saúde, agravava os padecimentos.

Ao elevar o papel da família como forma de afirmação social, a burguesia concedeu alguns avanços à educação e ao papel social que a mulher vinha desempenhando, sobretudo ao nível da instrução (moral e religiosa) virada para o reforço das funções tradicionais que lhe eram destinadas – esposa e mãe. Cabia-lhe educar os filhos na primeira infância, transmitindo-lhes sentimentos e valores morais, mas também novos hábitos de sociabilidade, num esforço virado para a reabilitação de uma sociedade em decadência física e espiritual. Nada melhor para começar do que as mães ensinarem

aos filhos que o levantar cedo, passear à frescura da manhã e beber em jejum meio copo de água do mar, era uma prática quotidiana considerada pelos hidroterapeutas como salutar.



Ramalho Ortigão refere quem em Portugal todos os fisiologistas e pedagogos alertavam para uma sucessiva degradação física já que os alunos das escolas definhavam de ano para ano. O caminho a seguir passava pela higiene como medida para combater as condições insalubres da vida moderna. Para lá do facto de em Portugal não existir higiene pública, era importante a tomada de consciência de que só mediante um reforço da higiene particular se conseguia a grande renovação da saúde pública. Nesse sentido, o escritor era peremptório: “Venho simplesmente pedir às mães, que dêem banhos [de mar] aos seus filhos. Peço-o para a felicidade d’elles, para a sua regeneração physica e moral, para o aceio do seu corpo, para a preservação das suas enfermidades, para a alegria do seu espirito, para a firmeza da sua vontade” (ORTIGÃO, Ramalho – *As Praias de Portugal ...*, p. 139).

## Os Banhos

**N**a praia de Espinho, o quotidiano do banhista começava bem cedo, pela manhã quando o céu se tingia de uma alvorada ridente principiavam os banhos - "os salutarissimos banhos de mar"<sup>1</sup>. A maioria dos banhistas tomava o seu banho entre as oito e as dez horas, mas o "banho chic", "o banho tom", o "banho da gente d' algo" prolongava-se até às onze. Procediam à muda de roupa, em barracas de madeira pintadas de cores vivas, vestindo fatos de baeta azul ou preta: vestido de cauda para as senhoras, camisola e calças para os homens. Estes fatos mais sóbrios apresentavam algumas diferenças em relação ao vestuário usado pelos primeiros banhistas que frequentaram a praia por volta dos anos sessenta do século XIX, e que vestiam um uniforme mais amplo, hermético, maciço, cortado em flanela azul, de xadrez, com debruns de nastro branco. Uniforme que era composto por uma touca de flanela e também debruada de nastro e uma sobrecasaca do mesmo tecido. Nos pés, calçavam uns sapatinhos de pano.

<sup>1</sup> O Comércio do Porto, n.º 247, 18 de Setembro de 1889.



Mais tarde as barracas de madeira foram substituídas por barracas de pano, muito mais higiénicas e que davam um colorido muito mais vivo à praia.



O ritual do “ir a banhos” durava pouco tempo e obedecia a regras específicas, “devendo ser tomados como um remédio: “rápidos, com três mergulhos e apanhando o banhista o choque de sete ondas”<sup>1</sup>. Nos casos em que a saúde assim o exigia, os médicos receitavam um, dois, ou três choques, consoante o caso clínico. Para os mais receosos existia a “gamela”, que depois de cheia era despejada pela cabeça, e a selha de madeira para mergulharem os pés. Os banhistas eram conduzidos ao banho nos braços do banheiro ou então transportados por dois banheiros em cadeirinha, que de forma coordenada os mergulhavam rapidamente. Depois de terminada esta operação higiénica e preventiva, regressavam às suas barracas, secavam-se, se possível com “um lençol aspero até dar à pelle uma côr rosada”<sup>2</sup>, vestiam-se e descansavam

debaixo de grandes toldos de pano para evitarem o sol, elemento considerado nocivo para a saúde.



O chamado banho de sol, para além de ser considerado prejudicial ao corpo humano, era visto pela burguesia como um factor de ociosidade e decadência de costumes. Em contrapartida, o banho frio significava austeridade e disciplina.

1 VAQUINHAS, Irene; CASCÃO, Rui - *Evolução da Sociedade em Portugal: A lenta e complexa afirmação de uma civilização burguesa* in “História de Portugal”, dir. José Mattoso, vol. V, “O Liberalismo (1807-1890)”, Lisboa, Círculo de Leitores, 1993, p. 453.

2 ORTIGÃO, Ramalho - *As Praias de Portugal ...*, p. 127.



Ao contrário do banho “aristocrático” tomado num horário mais quente, o chamado “banho de mar dos pobres”<sup>1</sup>, praticado pelas gentes dos campos, efectuava-se de madrugada, entre as seis e as oito horas. Tomavam o banho com o mesmo vestuário que utilizavam no quotidiano e, ao inverso dos estratos sociais mais elevados, não faziam uso das barracas nem do fato de banho, procurando para essa prática as zonas mais recônditas da praia. Como raramente se despiam, o banho (bem gelado) “quase sempre se limitava à molha dos pés”<sup>2</sup>

A seguir ao banho, o mais aconselhável era um passeio a pé pela praia, hábito que fazia parte de um conjunto de normas defendidas pelos hidroterapeutas da época, como se depreende pela análise do quadro seguinte:

1 MACHADO, Helena Cristina Ferreira – *A Construção Social da Praia*, Guimarães, Ideal – Artes Gráficas, 1996, p. 50.

2 BASTOS, Ludovina Vilanova de – *Memórias de uma Avó* in “Espinho – Boletim Cultural”, Espinho, Edição da Câmara Municipal”, vol. I, n.º 3, 1979, p. 55.



BANHOS DE MAR	
REGRAS DE COMPORTAMENTO E HIGIENE	
Antes do Banho	<p>Fazer a digestão</p> <p>Escolha da hora do banho de acordo com a constituição física do banhista:</p> <p>Banhistas robustos – de manhã</p> <p>Banhistas débeis – de tarde</p> <p>Ao acordar, arrefecer o corpo antes de se deslocar para a praia</p> <p>A pele deve estar quente ao entrar na água</p> <p>Efectuar exercícios moderados na praia: passeios a pé</p> <p>Evitar o contacto do ar com o corpo quente</p> <p>Despir-se na barraca o mais depressa possível e correr para a água</p> <p>Uso de touca pelas senhoras</p>
No Banho	<p>Imersão súbita e não progressiva</p> <p>Movimentar o corpo</p> <p>Prática de natação</p> <p>Duração do banho:</p> <p>dez minutos para as pessoas mais débeis</p> <p>vinte a trinta minutos para os mais robustos</p> <p>e para aqueles que sabem nadar</p> <p>Sair imediatamente da água quando sentir calafrios</p>
Depois do Banho	<p>Secar e friccionar o corpo</p> <p>Não comer após o banho</p> <p>Passear a pé pela praia</p>

Fonte: ORTIGÃO, Ramalho – *As Praias de Portugal ...*, p. 125-127.

## A praia lúdica

**S**e o período da manhã era especialmente dedicado aos banhos, a parte da tarde incluía opções mais variadas. Dava-se início à chamada “praia lúdica” na qual os divertimentos ao ar livre e os contactos sociais eram práticas privilegiadas.

Com o princípio da noite, a Praia assumia o seu carácter pleno de diversão e prazer. Os veraneantes podiam optar pela ida a um café, onde assistiam a um concerto pelos vários sex-

tetos espanhóis que todos os anos actuavam nesta estância ou então “perdiam-se” nas suas salas de jogo. Nos salões da Assembleia recreativa não faltavam as “soirées” e os “co-tillons” para as classes mais favorecidas. As sessões do animatógrafo, e mais tarde dos cinematógrafos, decorriam com lotações esgotadas. Para aqueles que gostavam de teatro e de música clássica, a direcção do Teatro Aliança esforçava-se por apresentar as melhores companhias portuguesas.



Aurélio da Paz dos Reis (1862-1931)  
Interior do Café Chinês; Sexteto Musical [1907]  
Arquivo de Fotografia do Porto - Centro Português de Fotografia/MC.



Aurélio da Paz dos Reis (1862-1931)  
 Batalha de Flores – Esplanada do Café Chinês, Espinho [1907]  
 Arquivo de Fotografia do Porto – Centro Português de Fotografia/MC.

## Banheiros

Numa época em que muito poucos sabiam nadar, a figura do banheiro era uma garantia de segurança para os veraneantes que se deslocavam para as estâncias balneares, mas sobretudo para as mães, principais responsáveis pela educação dos filhos. A este propósito, o banheiro Lapa realçava a experiência e a qualidade dos seus colegas como bons nadadores a quem as mães podiam entregar com confiança os seus filhos. Contudo, avisava os banhistas para não entregarem os seus filhos aos cuidados de certos banheiros que não sabiam nadar. Com o intuito de combater esta situação, a capitania do Porto de Aveiro ordenava a matrícula dos

banheiros, sendo-lhes exigido aptidões de natação e o pagamento de uma licença<sup>1</sup>. Os veraneantes contratavam com os banheiros um número determinado de banhos, trabalho árduo se tivermos em conta que num só dia um banheiro podia dar mais de duzentos banhos. Não se podia conceber uma praia de qualidade sem a organização do seu espaço com a montagem e aluguer de barracas e toldos, serviço bem desempenhado pelos banheiros de Espinho, os quais, na opinião

<sup>1</sup> *Gazeta de Espinho*, n.º 453, 19 de Outubro de 1909.

de um cronista espanhol, podiam competir com os melhores da Península Ibérica. A colónia balnear espanhola de Cáceres tinha muito apreço pelos banheiros de Espinho, considerando-os “bien educados, diligentes, leales y desprendidos”<sup>2</sup>, prestando serviços eficazes tanto à mulher “labradora de la provincia de Cáceres, que se baja de un coche de tercera y as exhibe com su pañuelo de talle atado a la cintura” como também à distinta “señorita tocada de rico sombrero y de lujoso vestido, que descende de un coche de primera clase”<sup>3</sup>. Na opinião do jornalista espanhol Pedro Gazapo, o banheiro de Espinho, para além de ser o melhor cicerone da sua praia, ajudava os veraneantes no aluguer de casas<sup>4</sup> e transportava as suas bagagens da estação até ao posto da alfândega, no desejo de lhes proporcionar o máximo conforto durante a sua estadia.

Devido aos serviços humanitários prestados no salvamento de pessoas em risco de afogamento, ao longo de vários anos, alguns desses banheiros foram condecorados por mérito, filantropia e generosidade. Mediante os dados fornecidos pelo *Anuário Comercial de Portugal* de 1908 e em comparação com o traçado da planta de Espinho de 1900, podemos concluir que a maioria dos banheiros viviam nas proximidades das suas zonas de praia. A partir de 1889 as sucessivas invasões do mar fizeram-se sentir com grande intensidade, reduzindo a distância entre a estação do caminho-de-ferro e a linha de praia-mar, situação que levou ao desaparecimento das ruas do Areal, Aliança, Costa e Fonte, fixando-se em 1908 o limite da povoação pela rua do Cruzeiro (actual rua 2)<sup>5</sup>. Apesar dos graves problemas que as investidas do mar causavam, os banheiros originários dos grupos piscatórios continuaram a habitar em zonas contíguas à beira-mar. Formavam, com as suas famílias, uma espécie de pequenas “empresas” de serviços balneares, mantendo-se sempre na sucessão do negó-

2 GAZAPO, Pedro – *El Veraneo en Portugal* in “Gazeta de Espinho”, n.º 814, 15 de Outubro de 1916.

3 GAZAPO, Pedro – *El Veraneo en Portugal* in “Gazeta de Espinho”, n.º 814, 15 de Outubro de 1916.

4 Quando se aproximava o Verão, os banheiros começavam a receber pedidos para o aluguer de casas e de quartos nos vários hotéis (*Gazeta de Espinho*, n.º 282, 3 de Junho de 1906).

5 *Gazeta de Espinho*, n.º 370, 16 de Fevereiro de 1908.



O *Comércio do Porto*, de 24 de Outubro de 1901, faz referência a um banheiro que no final da época balnear ainda dava, diariamente, duzentos e oitenta banhos. Cada banheiro, na sua área de praia, reservava um local para as barracas e toldos que eram alugados aos banhistas, e um outro espaço para montagem de barracas em madeira destinadas à arrecadação do material utilizado no quotidiano da praia.

cio o nome do primeiro banheiro, referência importante para uma clientela que, com o passar dos anos, se mantinha fiel à qualidade do serviço prestado.

A grande quantidade de banheiros existentes em Espinho e também a tentativa de melhorar a qualidade dos serviços numa das praias mais concorridas do país, levou ao aparecimento, em Outubro de 1910, de um jornal bilingue com o título *El Bañero*. O nome em castelhano era prova de gratidão à numerosa colónia espanhola que todos os anos passava férias nesta praia. O grande objectivo do periódico era estabelecer a união entre a classe e acabar com os “falsos” banheiros; para esse efeito, apelava à formação de uma associação de banheiros à semelhança do que acontecia na praia da Figueira da Foz<sup>6</sup>. Em reposta ao grande número de vítimas que todos os anos pereciam nas praias portuguesas, os banheiros confrontavam as autoridades com a necessidade da especialização do serviço de banheiros-nadadores, unicamente com funções de vigilância e socorro aos banhistas em risco de afogamento<sup>7</sup>.

6 *El Bañero*, n.º 1, 16 de Outubro de 1910.

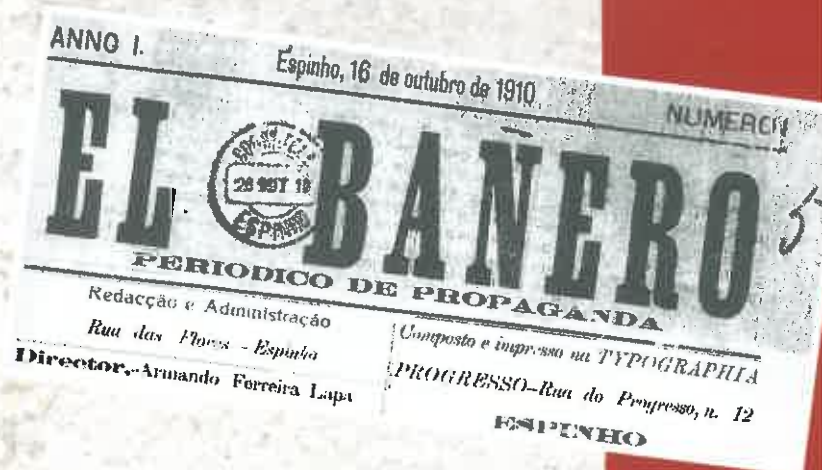
7 *Gazeta de Espinho*, n.º 696, 14 de Junho de 1914.



Relação dos Banheiros da Praia de Espinho (1900-1911)

Nome	Morada	Condecorações
António de Oliveira Granja (o Poveiro)	Rua do Areal	10 medalhas de prata (? -1908)
António de Pinho Pinhal & Genro	-	-
António Ferreira Lapa	-	2 medalhas de prata (1901 e 1907)
António Ferreira Neto	Rua do Areal	-
António M. Americano (viúva de)	Rua do Areal	-
António Rodrigues Lapa	-	1 medalha de cobre (1907)
Domingos Pinho Pinhal	Rua do Norte	-
Francisco de Pinho Faustino	Rua do Cruzeiro	-
Francisco de Pinho Pinhal & Filhos	Rua do Areal	-
Francisco Ferreira Neto & Filhos	-	-
Francisco José Lapa & Filhos	Largo do Anjo	-
Francisco Neto (viúva de)	Rua do Areal	-
João Alves do Novo	Trav. Assembleia	-
João Cacheira & Filho	Rua da Fonte	-
João da Costa Patela	-	-
Joaquim Gomes Ferreirinha	Rua do Areal	-
José de Pinho Pinhal & Filho	Rua da Costa	-
José de Pinho Pinhal Velho & Filho	-	-
José Ferreira Neto (viúva de)	Rua Vasco da Gama	-
Luís Alves Novo	-	-
Manuel da Costa Patela	Rua do Progresso	-
Manuel de Pinho Pinhal & Filhos	-	-
Manuel Ferreira Neto (viúva de)	-	-
Manuel Gomes Ferreirinha	Av. do Teatro	-
Manuel Gomes Ferreirinha & C.a	-	-
Manuel Gomes Ferreirinha Júnior	-	-
Manuel J. Carvalho dos Santos (o Melro)	Av. da Graciosa	-
Manuel Martins Jacob	-	1 medalha de cobre (1907)
Manuel Neto e Filhos (viúva de)	Rua da Aliança	-
Manuel Pinhal Júnior	Rua do Cruzeiro	-
Ricardo Americano (viúva de)	Bairro da Vergada	-

Fontes: *Anuário Comercial de Portugal, Ilhas e Ultramar...*, 1908, p. 1542; 1910, p. 1919; 1911, p. 2017. *O Comércio do Porto*, n.º 143, 20 de Junho de 1900; *Gazeta de Espinho*, n.º 232, 18 de Junho de 1905.



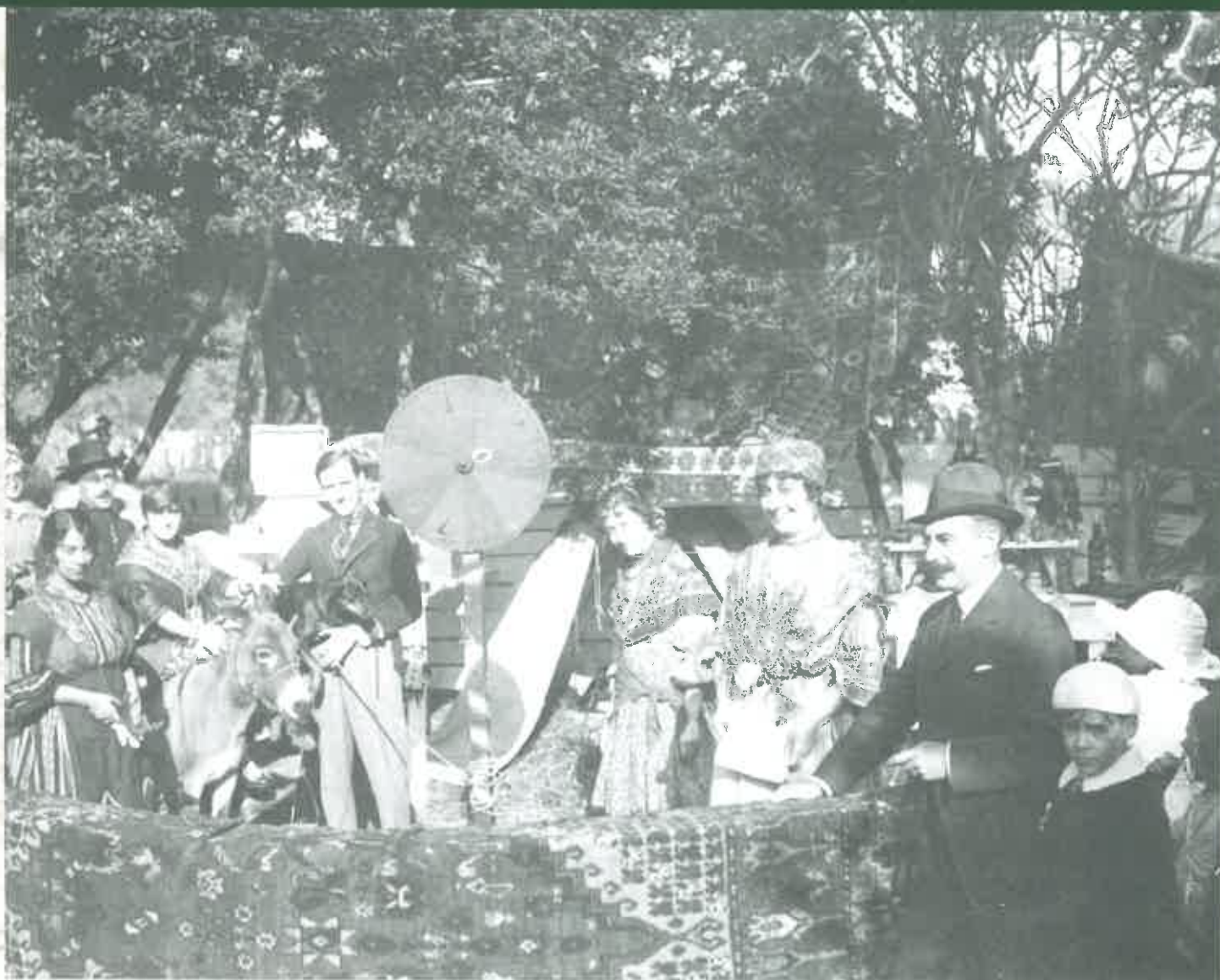
## Os Veraneantes

A principal fonte para o estudo dos veraneantes que frequentavam a praia são os periódicos, na medida em que não dispomos de outros elementos em arquivo, a não ser um ou outro livro da época que faz referência, por via indirecta, ao assunto. Os periódicos dedicavam uma ou duas colunas ao designado noticiário “mundano”, atribuindo-lhe vários títulos: “Carnet”; “A Nossa Carteira”; “Em Espinho”, “De Regresso”. Nestas “crónicas sociais” só entram os nomes das pessoas com estatuto social elevado, intelectuais, e alguns elementos da pequena e média burguesia que por serem assinantes dos jornais são mencionados. No caso de o jornal ser um órgão de determinado partido político, os correligionários que visitavam a estância balnear aparecem com frequência nestes espaços. Decorrente destes factos, só nos foi possível identificar uma pequena percentagem de turistas. No entanto, foram estes elementos que, com o seu poder económico e com a sua influência social, contribuíam todos os anos para a animação e a reputação de que gozava a praia de Espinho na Península Ibérica.

## Veraneantes Espanhóis

Em finais de Junho e durante todo o mês de Julho, chegavam à praia os turistas espanhóis e nela permaneciam até finais de Agosto. O início da ligação ferroviária entre Portugal e Espanha, no ano de 1863, fez aumentar a procura turística entre os cidadãos dos dois países e ligou Portugal ao resto da Europa. Com abertura do ramal de Cáceres, em 1880, e no ano seguinte com a linha directa entre Lisboa e Madrid intensificou-se aquilo a que Pilar Vásquez Cuesta designou por “turismo colectivo” entre as duas nações. Cidades como Salamanca, Medina del Campo, Badajoz, Cidade Real, Madrid, entre outras, ficaram mais próximas das praias portuguesas<sup>1</sup>. Em pleno Verão de 1889, e mediante o testemunho do correspondente do jornal *O Comércio do Porto*, a colónia espanhola era bastante

<sup>1</sup> *Panorama – Revista Portuguesa de Arte e Turismo*, n.ºs 35-36, 1970, p. 19-24.



Aurélio da Paz dos Reis (1862-1931)  
Grupo de Espanholas no Jardim High-Life [1907]  
Arquivo de Fotografia do Porto – Centro Português de Fotografia/MC.

Ramalho Ortigão menciona a presença em Espinho dos “pais de famílias salamanquinas, de jaleco cor de pinhão, sombreiro de toureador, cara rapada e a trouxinha em lenço de seda suspenso da mão pelas quatro pontas” (ORTIGÃO, Ramalho – *As Farpas ...*, p. 116).

considerável, levando o jornalista a reflectir se estava no “co-ração da Hespanha” ou na “estancia de que Portugal se orgulhava”<sup>2</sup>. Em todos os locais de Espinho quase «só se ouvia falar espanhol: na praia, nas lojas, cafés, praças e ruas, tudo “arranhava” castelhano. Até as varinas quando não faziam seu negócio, exclamavam: “Senhorita, água do mar...”<sup>3</sup>. Da colónia espanhola faziam parte não só as mais distintas e nobres famílias, como também os camponeses com “seus trajos característicos – jaqueta e calção com alamares de prata e com um lenço atado à sua forma na cabeça acompanhados com suas *nênas*”<sup>4</sup>. A vinda deste grupo social para às praias portuguesas só se tornava possível se os preços dos bilhetes de comboio fossem convidativos o que, por exemplo, não se verificou no Verão de 1895. Nesse ano, só as classes mais elevadas é que vieram para Espinho<sup>5</sup>. No ano seguinte, as companhias de caminho-de-ferro dos dois países acordaram nos preços dos bilhetes a praticar, de forma a que um maior número de pessoas tivessem acesso à permanência nas nossas praias. Esta situação provocou uma desenfreada procura de quartos de hotéis, pensões e casas de aluguer, registando-se numerosos pedidos de famílias de Salamanca.

Na opinião do correspondente do jornal *Correio da Feira*, o que havia de mais notável na praia de Espinho era o facto de ser “muito hespanhola e pouco portugueza”<sup>6</sup>. A colónia espanhola dava uma nota viva e alegre à estância balnear na medida em que, ao contrário da mulher portuguesa – mais concentrada e geralmente cheia de timidez e preconceitos – a espanhola, com as suas gargalhadas esfuziantes e com a sua maneira expansiva de comunicar, animava todos os locais por onde passava. Segundo aquele periódico da Feira, a mulher espanhola não tinha cerimónias, relacionando-se facilmente com as outras pessoas num ambiente de alegre convívio. Isto era evidente na assembleia recreativa, nos casinos, na praia e nos cafés. Vestia-

se com simplicidade, mas sempre de forma graciosa. Sem a sua presença, Espinho, “não passaria de um Mont’ Estoril mais correcto e augmentado no tocante a luxo, desmedido e intolerável no tocante à sua própria vida social. Sem quebra da sua dignidade, sempre querida e respeitada, a hespanhola aproveita[va] como ninguém os dias em que aqui esta[va], dançando, passeando, divertindo-se. E sempre bern.”<sup>7</sup>

O maior número de banhistas vinha da Estremadura espanhola, em grande parte devido à publicidade que os jornais de Badajoz faziam a esta praia<sup>8</sup>. Quanto à actividade profissional destas pessoas, ela era variável. No entanto, detectámos uma acentuada presença de elementos ligados ao sector terciário, com destaque para os jornalistas e professores universitários.

O escritor naturalista Manuel Laranjeira conviveu em Espinho com algumas figuras do meio intelectual espanhol as quais aliavam a sua actividade profissional ao veraneio, como foi o caso dos escritores Miguel de Unamuno e Martinez Sierra, do pianista Pedro Blanco e do violinista Hierro<sup>9</sup>.

7 *Correio da Feira*, n.º 71, 14 de Agosto de 1898.

8 *O Comércio do Porto*, n.º 133, 7 de Junho de 1893. Um assíduo frequentador desta praia foi o jornalista Pedro Gazapo que trabalhava para o jornal *La Coalición*, de Badajoz.

9 LARANJEIRA, Manuel – *Cartas* in “Obras de Manuel Laranjeira”, Porto, Edições Asa, vol 1, 1993, p. 319-495.

Praia de Espinho			
Veraneantes Espanhóis (1889-1915)			
Proveniências	Profissões/Cargos		Titulares
Badajoz	Advogado	Inspector Geral	Conde de Locatelli
Cáceres	Agricultor	Jornalista	Conde de La Camorra
Madrid	Alcaide	Médico	Marquês da La Veja
Plasencia	Comerciante	Militar	
Salamanca	Deputado	Músico	
Talavera de La Reina	Engenheiro	Professor Primário	
Toledo	Escritor	Professor	
	Farmacêutico	Universitário	
	Industrial	Reitor	
		Toureiro	

Fontes: *Gazeta de Espinho*, 1901 (n.ºs 27-32); 1903 (n.ºs 130, 137); 1906 (n.º 289); 1907 (n.º 341); 1908 (n.ºs 392-392); 1914 (n.ºs 701-702); 1915 (n.º 756); *O Comércio do Porto*, 1889 (n.º 213); 1891 (n.ºs 204, 206, 213); 1894 (n.ºs 193, 214); 1893 (n.º 191); 1896 (n.º 186); 1897 (n.ºs 201, 205, 208, 217, 232, 253); 1899 (n.ºs 145, 155, 159, 163, 173, 190); 1900 (n.ºs 174, 197, 205); *O Defensor*, 1907 (n.º 112).

2 *O Comércio do Porto*, n.º 204, 11 de Agosto de 1889.

3 NEVES, Fausto – *Espinho Há 50 Anos*. “Espinho – Boletim Cultural” ..., vol. IV, n.º 13, p. 9.

4 NEVES, Fausto – *Espinho Há 50 Anos*. “Espinho – Boletim Cultural” ..., vol. IV, n.º 13, p. 9.

5 *O Comércio do Porto*, n.º 191, 13 de Agosto de 1895.

6 *Correio da Feira*, Feira, n.º 71, 14 de Agosto de 1898.

## Veraneantes Portugueses

A partir de meados de julho, começavam a chegar os banhistas portugueses. A grande maioria era oriunda dos distritos de Aveiro e do Porto. Devido à facilidade de deslocação entre o Porto, Espinho e Aveiro, muitas famílias apanhavam os comboios da manhã regressando às suas casas ao final da tarde. Deslocavam-se para esta praia pessoas que residiam em todos os distritos do continente com a excepção de Bragança, do qual não encontramos nenhuma referência. De acordo com as palavras escritas por Ramalho Ortigão, circulava pelas ruas de Espinho “uma espessa multidão rajada de tipos diversos de forasteiros”<sup>1</sup>. A “democraticidade” social da praia punha em contacto pessoas com os mais variados cargos e profissões, desde as grandes famílias espanholas, das Beiras, de Lisboa e do Porto, até aos ricos proprietários de Lamego, Régua e Viseu, não esquecendo os lavradores minhotos e transmontanos, as mulheres do campo e os músicos ambulantes<sup>2</sup>. Num conjunto tão vasto de actividades profissionais, salientavam-se, embora não seja possível uma quantificação exacta, os capitalistas e proprietários, militares, médicos, padres, advogados, professores, magistrados (conselheiros, juizes, desembargadores, e delegados públicos) e deputados.

1 ORTIGÃO, Ramalho – *As Farpas ...*, p. 116.

2 ORTIGÃO, Ramalho – *As Farpas ...*, p. 116.

Praia de Espinho	
Veraneantes Portugueses (1889-1915)	
Actividade Profissional/Cargos	
Administrador de Concelho	Engenheiro
Advogado	Escritor e Poeta
Agente do Ministério Público	Escrivão
Agricultor	Estudante Universitário
Agrónomo	Farmacêutico
Arquitecto	Fiscal
Bispo	Governador Civil
Camarista	Guarda Mor do Tribunal da Relação
Cantor	Industrial
Capelão	Inspector-Geral
Chefe de Repartição	Jornalista
Chefe de Secção	Juiz
Chefe dos Serviços Telegráficos	Livreiro
Comerciante	Médico
Cónego	Militar
Conselheiro	Ministro
Conservador de Registo Predial	Músico
Construtor de Obras Públicas	Negociante
Contador de Comarca e Tribunal	Notário
Corrector de fundos públicos	Padre
Deão	Pagador das Obras Públicas
Delegado de Comarca	Par do Reino
Delegado de Saúde	Presidente da Câmara
Delegado do Procurador da República	Procurador Régio
Delegado do Procurador Régio	Professor Primário
Delegado do Tesouro	Professor Liceal
Deputado	Professor Universitário
Desembargador	Proprietário e Capitalista
Desportista	Recebedor
Director das Obras Públicas	Reitor
Director de Companhias Comerciais	Secretário
Director de Minas	Senador
Director dos Caminhos de Ferro	Solicitador
Director Escolar	Subdelegado de Saúde
Empregado Comercial	Subdirector Prisional
Empregado Superior	Tesoureiro
Empreiteiro	Vice-presidente da Câmara
Empresário Teatral	Viticultor

**Fontes:** *Gazeta de Espinho*, 1901 (n.ºs 26, 28, 29, 30-32, 39, 42, 46); 1902 (n.ºs 75, 88, 91); 1903 (127-140, 142); 1904 (n.º 191); 1905 (n.º 230); 1906 (n.ºs 282, 283, 285, 286, 288-290, 293-301, 303, 305, 306); 1907 (n.ºs 334, 336, 338, 339, 341-343, 345-355, 357, 358); 1908 (n.ºs 388, 390, 392-404, 406); 1909 (n.ºs 440, 442, 443, 445-457, 460-462); 1910 (n.ºs 491, 493-495, 499, 500, 502, 503); 1911 (n.ºs 541, 542, 549, 550, 552, 554, 556); 1912 (n.ºs 590, 594, 604); 1913 (n.º 647); 1914 (n.ºs 699, 701, 704, 711, 713); 1915 (n.ºs 753-766, 768). *Jornal da Feira*, 1897 (n.ºs 788, 793, 799); 1898 (n.º 834). *O Comércio do Porto*, 1889 (n.ºs 204, 213, 229, 236, 251, 256, 271, 279, 284); 1890 (n.ºs 200, 224, 232); 1891 (n.ºs 213, 218, 224, 252, 264); 1893 (n.ºs 133, 171, 191, 196, 199, 207, 218, 219, 265); 1894 (n.ºs 152, 193, 194, 199, 214, 221, 246, 247, 264, 267, 268, 271); 1895 (n.ºs 171, 183, 187, 191); 1896 (n.ºs 168, 186, 206, 207, 223, 226); 1897 (n.ºs 208, 212, 215, 223, 224, 230, 231, 236, 248, 252, 280); 1899 (n.ºs 140, 159, 181, 186, 191, 219, 225, 241); 1900 (n.ºs 181, 182, 191, 198, 202). *O Defensor*, 1907 (n.ºs 110, 111, 115, 117, 119, 120, 122, 125). *O Defensor de Espinho*, 1905 (n.º 1). *O Independente de Espinho*, 1909 (n.ºs 1, 3-9, 11).

## Veraneantes Titulares

O Liberalismo pôs fim aos direitos feudais e às comendas, extinguiu os vínculos (deixando de haver lugar para a hereditariedade), acabou com as tenças e com a tradicional política de subsídios à nobreza por parte da Coroa. Estas medidas puseram em perigo a subsistência da maioria dos nobres que passaram a depender directamente dos seus bens fundiários. Por outro lado, a necessidade levou a uma aproximação à burguesia, na medida em que se tornaram concorrentes na actividade comercial e industrial. Contudo, na última década do século XIX, a nobreza readquiriu alguns privilégios por força do 3.º Acto Adicional à Carta (1896) que veio suprimir o pariato electivo para a Câmara dos Pares, que tinha sido instituído em 1885 com o 2.º Acto Adicional, e que permitiu aos pares hereditários voltarem a ocupar os seus lugares.

Ao contrário do que seria de esperar, o novo regime prosseguiu e acelerou a política de concessão de títulos a membros da pequena nobreza, comerciantes, burocratas, grandes proprietários e soldados. A grande maioria foi atribuída por uma ou duas vidas. Até 1850 os barões superavam largamente os outros titulares, enquanto que na segunda metade do século o predomínio vai por inteiro para os viscondes. A prova desta realidade é o célebre dito popular “ – Foge, cão, que te fazem barão! – Para onde, se me fazem visconde?!”

Como acontecia com a vizinha praia da Granja, Espinho também era frequentado por muitos titulares, e alguns deles tinham residência nesta praia: o Conde de S. João de Ver, os Condes de Proença-a-Velha que residiam na rua do Passeio Alegre (rua 62) e o Marquês da Graciosa. O 2.º Marquês (Fernando de Melo Galdes Sampaio de Bourbon) deu um contributo importante para a causa da autonomia concelhia. A viagem destas famílias para Espinho fazia-se com grande aparato. A chegada da Con-

dessa da Foz de Arouce (Maria Joana de Bourbon Melo Galdes de Sampaio Pereira) era anunciada em toda a Praia. Na estação parava um comboio proveniente do sul onde vinham “atreladas duas carruagens de passageiros, a 1.ª com a família Foz de Arouce e Proença-a-Velha, seus netinhos e convidados, professores e familiares; e na 2.ª, criadas, criados, cocheiros, etc., e o simpático e popular mordomo João Ramalho, figura conhecida da praia e dos pobres. Em três vagões vinham cereais, a maior parte para indigentes, carruagens, equipamentos e respectivos cavalos”<sup>1</sup>.

Como podemos deduzir pelo quadro que se segue, a praia era frequentada por um conjunto assinalável de famílias titulares (maioritariamente por condes e viscondes). Os condes da Borralha, Devesas, Foz de Arouce, Pinhel, Proença-a-Velha e S. João de Ver, e os viscondes de Alvelos, Sá da Bandeira e Veiros destacam-se pela regularidade da sua presença no decorrer de várias épocas balneares.

1 NEVES, Fausto – *Espinho Há 50 Anos Espinho*. “Espinho – Boletim Cultural” ..., vol. IV, n.º 13, p. 10. A permanência destas três famílias estendia-se muitas vezes até finais de Outubro e, durante a sua estadia nesta praia, “prestavam os seus melhores auxílios materiais ao comércio, beneficência e indigentes” (NEVES, Fausto – *Espinho Há 50 Anos Espinho*. “Espinho – Boletim Cultural” ..., vol. IV, n.º 13, p. 13).



ESPINHO — Praia de banhos

## Veraneantes Intelectuais

A praia de Espinho registava, nos meses de Verão, uma intensa actividade cultural. Nos cafés, casinos, teatro Aliança e Assembleia actuava uma série de artistas nacionais e internacionais ligados à música, ao espectáculo dramático e à prestidigitação. A maioria destes profissionais era contratada por temporada (três a quatro meses) tornando-se, ao mesmo tempo, veraneantes. A presença de escritores, poetas e pintores, mesmo não sendo regular, dava um toque de intelectualidade a esta estância. Entre essas figuras destacamos os escritores Ramalho Ortigão, Miguel de Unamuno, Guerra Junqueiro, Antero de Figueiredo, Trindade Coelho, Alberto Pimentel e António Feijó, e os pintores Amadeu de Sousa Cardoso e António Carneiro. No quadro seguinte fazemos referência a uma série de músicos, na sua maioria espanhóis, dos quais salientamos o violinista Júlio Caggiani, que em 1908 partiu de Espinho para a Rússia (S. Petersburgo) contratado para tocar na Orquestra Imperial, e Pablo Casals, considerado pelos críticos da época como um dos maiores violoncelistas do mundo<sup>1</sup>. A par dos homens das artes, salientamos a presença de alguns cientistas e políticos de vulto como o professor Egas Moniz (frequentador assíduo desta praia), Alfredo de Magalhães (1901 e 1908), António José de Almeida (1906), Afonso Costa (1908 e 1910) e Manuel de Arriaga (1906).



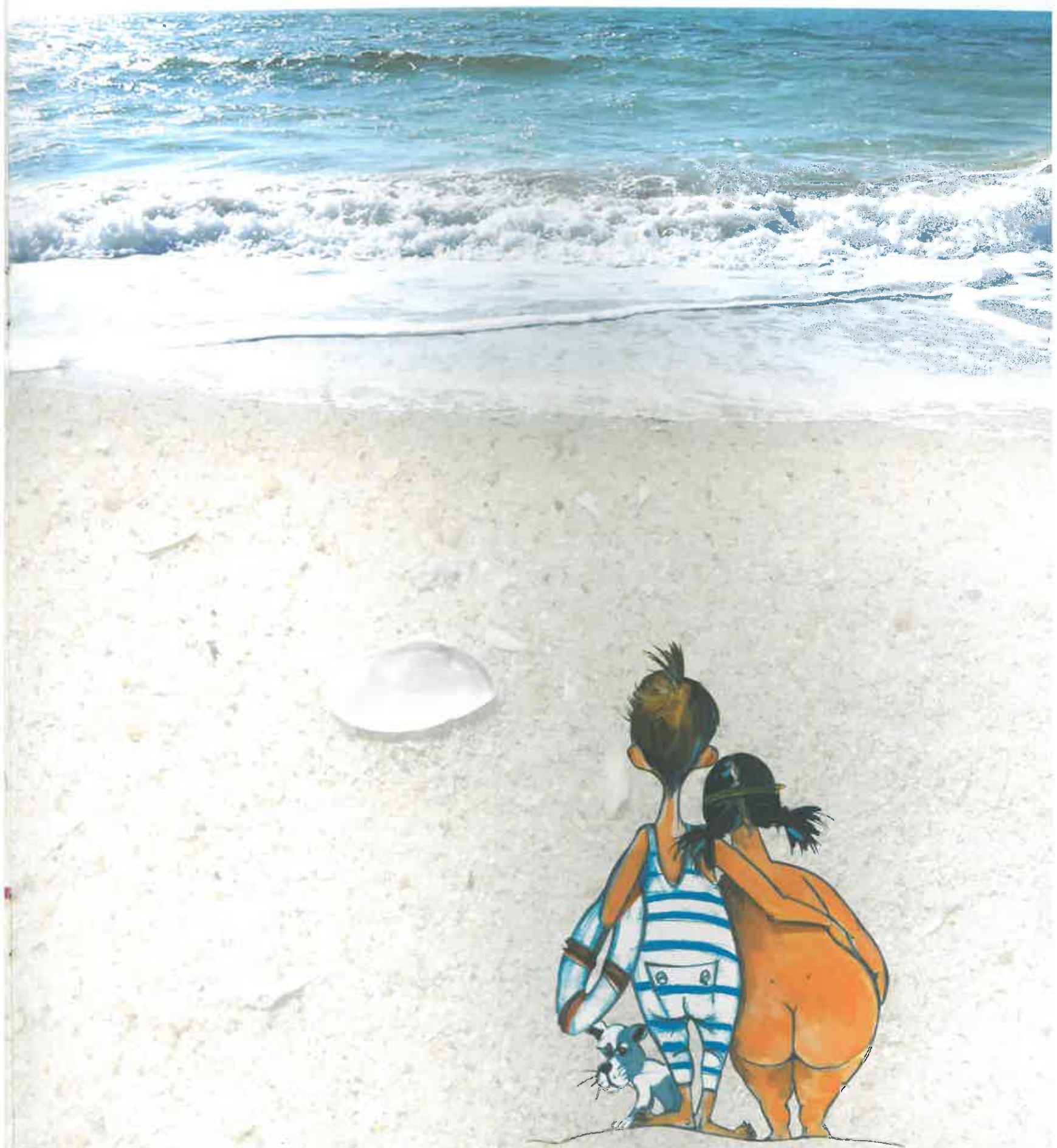
Caricatura por Amadeu  
(in "Diário Íntimo" - 1957)

Praia de Espinho		
Veraneantes Intelectuais (1889-1915)		
Escritores e Poetas	Músicos	Pintores
Adriano de Sousa Mello	Benetó	Amadeu de Sousa Cardoso
Antero de Figueiredo	Cayo Vella	António Carneiro
António Feijó	Fórsini	Fausto Sampaio
Augusto de Castro	Guérveoz	
Augusto Gil	Guilhermina Suggia	
Fausto Guedes Teixeira	Gusman	
Fernando Caldeira	José Bonet	
Fernão Corte Real	José Hierro	
Guerra Junqueiro	Júlio Caggiani	
João Saraiva	Nadia Bulicloff Caldeira	
Manuel Correia de Oliveira	Nicolino Milano	
Manuel Luís de Almeida	Pablo Casals	
Martinez Sierra	Pedro Blanco	
Miguel de Unamuno	Quiléz	
Pinilla	René Bohé	
Ramalho Ortigão	Symaria	
Trindade Coelho		

**Fontes:** *Gazeta de Espinho*, 1901-1915 . *O Comércio do Porto*, 1889-1899 . *O Primeiro de Janeiro*, 1905 LARANJEIRA, Manuel - *Diário Íntimo* in "Obras de Manuel Laranjeira"..., vol. I, p. 239-495, NEVES, Fausto - *Espinho Há 50 Anos Espinho*. "Espinho - Boletim Cultural"..., vol. IV, n.º 13, p. 13-17.

Da terapia imposta pelos médicos como cura para vários males, o "ir a banhos" popularizou-se e foi mais longe: transformou o espaço da praia num verdadeiro centro de cosmopolitismo, de lazer e de ócio, um local privilegiado de cultura e aculturação para todos os estratos da sociedade. Assim, só nos cabe reconstituir esse quotidiano colorido da ida a banhos, no sentido de que o fazemos como um sinal de preservação da nossa memória social enquanto comunidade viva e orgulhosa do seu passado.

<sup>1</sup> NEVES, Fausto - *Espinho Há 50 Anos Espinho*. "Espinho - Boletim Cultural"..., vol. IV, n.º 13, p. 14.



**Vir a Banhos**  
Recriação de uma praia do início do séc. XX



Se sofre de raquitismo, escrofulose, reumatismo dores musculares ou falta de apetite... porque não

**VIR A BANHOS**

Recreação de uma Praia do início do século em Espinho  
**PRAIA DA BAIA, 09.07.18 ÀS 15.30 HORAS**

Colaboração: Grupo Cultural e Recreativo Sancho Ramalho Ortigão, Associação de Apoio Cívico, Associação Esportiva Santiago da Silveira, Rancho Regional Recreativo, Associação de Amadores de Futebol de Espinho e Junta Municipal de Espinho. Apoio: Associação de Amadores de Futebol de Espinho.

A proximidade com o mar, que em cada esquina se avista, torna realmente a nossa cidade um lugar privilegiado e peculiar de tal modo que já ao tempo de Ramalho Ortigão a praia de Espinho “é de todas as praias a mais estimada por aqueles que a frequentam. Os banhistas de Espinho tomam-se por este sítio de uma espécie de exaltação patriótica, exclusiva e intransigente”<sup>1</sup>

Mesmo actualmente o mar, a praia e os modos de vida, de trabalho ou lazer, que eles possibilitam, assumem uma importância fundamental na vida da cidade. Fontes preciosas de sustento para várias gerações de Espinhenses, preenchem ainda hoje diversas dimensões do nosso quotidiano e ocupam inúmeros recantos da nossa memória colectiva.

Reconhecendo a importância fundamental, em termos


<sup>1</sup> Ortigão, Ramalho – “As praias de Portugal”, pág. 89



simbólicos e pedagógicos, de relembrar todo um conjunto de práticas associadas ao “Ir a banhos”, a Câmara Municipal de Espinho organiza, bianualmente, uma recriação de uma praia do início do séc. XX para a qual tem contado com a colaboração de diversos agentes culturais do concelho: Grupo Cultural e Recreativo Semente, Rancho Folclórico N.º Sr.ª dos Altos Céus, Rancho Folclórico Santiago de Silvalde, Rancho Regional Recordar é Viver de Paramos, Teatro Popular de Espinho -Coop. Nascente, Orfeão de Espinho, Classe de Ginástica Rítmica de Competição da Associação Académica de Espinho, Grupo Cénico e Grupo Coreográfico de Espinho e Move’In-Mento – Núcleo de Dança Contemporânea de Espinho. Para a organização do VIR A BANHOS realizou-se um trabalho de pesquisa de que resulta um certo rigor histórico nas diversas acções que se recriam e no modo como os vários personagens se apresentam, apenas possível com o empenho e entusiasmo de todos os que têm participado nestas recriações.


Se sofre de raquitismo, escrofulose, reumatismo  
dores musculares ou falta de apetite... porque não

# VIR A BANHOS



Recriação de uma Praia do início do séc. XX em Espinho  
PRAIA DA BAIA, DIA 8 DE JULHO ÀS 15,30 HORAS


Colaboração: Grupo Cultural e Recreativo Semente, Rancho Folclórico N.º Sr.ª dos Altos Céus, Rancho Folclórico Santiago de Silvalde, Rancho Regional Recordar é Viver de Paramos e Teatro Popular de Espinho -Coop. Nascente.





Se sofre de raquitismo, escrofulose, reumatismo  
dores musculares ou falta de apetite... porque não

# VIR A BANHOS



Recriação de uma Praia do início do século XX em Espinho  
**PRAIA DA BAIA, 13.07.03 AS 15.30 HORAS**

Associação Municipal de Cultura e Turismo de Espinho, Associação de Amadores de Pesca de Espinho, Associação de Futebol de Espinho, Associação de Futebol de Vila Verde, Associação de Futebol de Vila Real, Associação de Futebol de Viana do Castelo, Associação de Futebol de Braga, Associação de Futebol de Guimarães, Associação de Futebol de Porto, Associação de Futebol de Matosinhos, Associação de Futebol de Felgueiras, Associação de Futebol de Trofa, Associação de Futebol de Vila do Conde, Associação de Futebol de Gondomar, Associação de Futebol de Ourense, Associação de Futebol de Lousada, Associação de Futebol de Valongo do Vougo, Associação de Futebol de Vila Verde, Associação de Futebol de Vila Real, Associação de Futebol de Viana do Castelo, Associação de Futebol de Braga, Associação de Futebol de Guimarães, Associação de Futebol de Porto, Associação de Futebol de Matosinhos, Associação de Futebol de Felgueiras, Associação de Futebol de Trofa, Associação de Futebol de Vila do Conde, Associação de Futebol de Gondomar, Associação de Futebol de Ourense, Associação de Futebol de Lousada, Associação de Futebol de Valongo do Vougo

A diversidade dos campos de acção destes agentes culturais tem permitido recriar dezenas de personagens que, a par com os banhistas, frequentavam as praias de então: vendedores de água, tremoços, doces, viraventos; fotógrafos *à la minuta*; as tão habituais companhias de teatro de robertos e mesmo pequenos circos ambulantes. Recriam-se também divertidos jogos com que as pessoas ocupavam o tempo, muitos dos quais chegaram aos nossos dias: cabra-cega, salto ao eixo, as *tétulas* (jogos com pedrinhas), o *prego*, castelos de areia e lançamentos de papagaios de papel. Os *fidalgos*, nome por que eram conhecidos os veraneantes que pertenciam a uma burguesia endinheirada, dedicavam-se a actividades mais recatadas e por isso no VIR A BANHOS podemos vê-los sentados em amena conversa, a passear, ler ou até a pintar. Mesmo na hora do banho, onde se cumprem as prescrições médicas, as personagens se distinguem: uns, em grande alarido, levantam as saias ou arregaçam as calças, outros, vestidos a preceito,



entregam-se nas mãos do rigoroso banheiro que lhes dará tantos mergulhos quantos os recomendados pelos senhores doutores, que bem conheciam os benefícios terapêuticos dos banhos de mar.

Destas múltiplas sinergias resulta uma iniciativa de carácter sobretudo lúdico, mas que, simultaneamente, constitui uma espécie de "museu vivo" de uma praia do início do século XX, que é o mesmo que dizer de uma dimensão considerável da vida de Espinho desse tempo.

O VIR A BANHOS, que a Câmara Municipal de Espinho assume como uma espécie de tributo às nossas origens, reúne numa mesma tarde personagens e modos de estar que, ao tempo a que nos reportamos, dificilmente se cruzariam. No entanto, esta animada síntese, de carácter quase cinematográfico, permite-nos uma visão mais ampla do modo como as diferentes pessoas "iam a banhos" e, se nos retira algum rigor histórico, acrescenta-nos, seguramente, muita animação e a possibilidade de cada um de nós nela se rever.

Se sofre de raquitismo, escrofuloso, reumatismo  
dores musculares ou falta de apetite... porque não

# VIR A BANHOS

Organizada

Recriação de uma Praia do início do século XX em Espinho  
**PRAIA DA BAÍA, 17.07.05 AS 15.30 HORAS**

Colaboração: Maria Casanova, Inês Pereira, Catarina Pereira, António Luís, João do Rio, Francisco, António Domingos, Gilvito, Susana, Rogério, Patrícia e Vitor, Maria, Patrícia de Fátima, Sérgio, António, Vasco, Carlos e Gilda, Catarina e António













## Agradecimentos

A Câmara Municipal de Espinho agradece a todos aqueles que tornaram possíveis as diversas edições do VIR A BANHOS.

Classe de Ginástica Rítmica de Competição da Associação Académica de Espinho

Grupo Cénico e Grupo Coreográfico de Espinho

Grupo Cultural e Recreativo Semente

Move'In-Mento - Núcleo de Dança Contemporânea de Espinho

Orfeão de Espinho

Rancho Folclórico N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> dos Altos Céus

Rancho Folclórico Santiago de Silvalde

Rancho Regional Recordar é Viver de Paramos

Teatro Popular de Espinho - Cooperativa Nascente

Jorge Mendonça

## Ficha Técnica

**Título**

Os Banhos de Mar em Espinho no início do século XX

**Edição**

Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Espinho

**Coordenação e textos**

Armando Bouçon e Idalina Sousa

**Créditos Fotográficos**

Colecção de Aurélio da Paz dos Reis/  
Centro Português de Fotografia  
Colecção da Biblioteca Municipal de Espinho  
Colecção de Carlos Morais Gaió  
Fotografias de Mário Cales

**Desenho Capa**

Vítor Hugo

**Autores Desenhos dos Cartazes**

1999 - Carlos Sárria  
Restantes - Vítor Hugo

**Criação, Coordenação Gráfica, Paginação  
e Tratamento de Imagens**

Engrenagem - 22 731 93 74

**Impressão e Acabamento**

Engrenagem - 22 731 93 74

**Tiragem**

1000 exemplares

**Deposito Legal:**

261114/07

**ISBN:**

978-989-95472-0-9



Câmara Municipal de Espinho